

A sebe de espinhos



A sebe de espinhos



Mary Martha Sherwood



São Paulo, SP

Copyright © 1820, Mary Martha. Sherwood

Ilustrações geradas por IA

Título do original: The Hedge of Thorns

Todos os direitos desta edição reservados para

EDITORA GADEL

Avenida Paulista, n. 1471, sala 1110

São Paulo, SP — CEP 01.311-927

www.editoragadel.com.br

1.^a edição: 2024

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Tradução de texto: *Jorge A D Romero*

Revisão e edição de texto: *Paula Jacobini*

Capa e diagramação: *Marcos Jundurian*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sherwood, Mary Martha, 1775-1851

A sebe de espinhos / Mary Martha Sherwood; [tradução Paula Jacobini]. – São Paulo: Editora Gadel, 2024.

64 p.: il., 21 cm

Título original: *The hedge of thorns*

ISBN 978-65-83273-02-4

1. Ficção juvenil I. Título.

24-239954

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129





Sumário

Prefácio à edição brasileira.....	7
Prefácio à publicação original.....	9
A sebe de espinhos	11





Prefácio à edição brasileira

O enredo deste livro foi originalmente escrito por um jovem comum, de cerca de 25 anos, chamado John Carrol, em seu leito de morte, em 1611. Seus registros foram encontrados, preservados, e, em 1819, transformados em livro por Mary Martha Sherwood.

Não se sabe ao certo o que é fato e o que é ficção na história de John Carrol, porém isso em nada afeta a mensagem impactante dessa estória eternizada por Mrs. Sherwood: como são benditos os espinhos que nos mantêm afastados da perdição! Quando criança, Carrol aprendeu uma lição que o acompanharia até sua vida adulta e mudou sua perspectiva sobre o sofrimento e a gratidão pelos limites, muitas vezes aparentemente tão duros, que Deus coloca em seu caminho para o proteger.

Que aprendamos também, por meio da história de Carrol, a amar os limites que o Senhor coloca ao nosso redor, sem que para isso precisemos ser feridos por uma sebe de espinhos.

Paula Jacobini



Prefácio à publicação original

Esta pequena obra foi publicada pela primeira vez na Inglaterra e parece ser a produção de um escritor piedoso, como uma narrativa de fatos. Se não for uma história verdadeira, é um espelho tão bom, refletindo a natureza humana de forma tão completa no início da vida, que induziu a esperança de que os jovens inexperientes deste país pudessem tirar algum proveito de sua leitura. Se não fosse por uma “sebe de espinhos”, onde muitos de nós estaríamos?





A sebe de espinhos

Meu nome é John Carrol. Nasci não muito distante da cidade de Carlisle, em um chalé solitário, situado no lado sul de uma montanha arborizada.

Meu pai era jardineiro de profissão e trabalhava para várias famílias de cavalheiros da vizinhança; ele também era o secretário da igreja – um homem muito querido no campo, dotado de uma mente tão adorável quanto as flores que cultivava. Ele foi, sem dúvida, um dos primeiros escolhidos de Deus, precioso aos Seus olhos, e capacitado, pelo poder do Espírito Santo, a superar, em grande medida, a depravação original de sua natureza e a buscar “tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama” (Fp 4.8).

Nossa casa era muito antiga e tão baixa que a palha na parte de trás se inclinava quase até o lado da margem que se erguia acima dela; era, no entanto, espaçosa, e na frente havia um alpendre de madeira entalhada, com um banco de cada lado e um espaço entre eles, suficientemente grande para receber a roda de fiar de minha mãe.

O chalé ficava em um grande jardim, onde, além de todo tipo de vegetal aproveitável, havia uma bela trepadeira, que se espalhava por toda a varanda, e duas fileiras de flores em cada lado do reto caminho que levava ao postigo do jardim. Havia campânulas e açafrões em sua estação, malmequeres, narcisos, rosas e amores-perfeitos, violetas e poliantos, e ali crescia a paz do coração em suas proporções mais belas.

Nesse doce retiro, sob os cuidados de pais pobres, mas piedosos, fui criado; e foram usados todos os meios, tanto de castigo sadio quanto de instrução piedosa, para me educar no caminho que eu deveria seguir (Pv 22.6). Meus pais cumpriram seu dever de maneira exemplar para comigo; maior, portanto, será minha condenação se, no fim dos dias, eu não for encontrado em pé em minha herança (Dn 12.13).

